

**LETRAMENTO PARA A DIVERSIDADE ÉTNICA
NO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DE ATIVIDADES
DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS
COM A TEMÁTICA INDÍGENA**

Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

li_castelo@hotmail.com

Tammy Cristina Sousa Franco Oliveira (UEMASUL)

tammycristinafranco@gmail.com

RESUMO

É indiscutível que a literatura sendo a arte da palavra, na qual se pode perceber as transformações culturais e históricas das sociedades, seja uma importante aliada para que se possa refletir sobre identidade e memória de um povo. Nesse contexto, a literatura indígena é uma possibilidade para o (re)conhecimento da riqueza das histórias e literaturas indígenas. Em especial, por ser uma arte de (re)existência, por ouvir o brado de povos que por muitos séculos foram silenciados e invisibilizados, ao desenvolver suas narrativas e construir suas histórias. Assim, propôs uma atividade para o estudo da temática indígena em textos literários e posteriormente se analisou as respostas dos alunos às questões propostas. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo e documental, pois o corpus deste estudo compreende as atividades avaliativas realizadas na disciplina de Língua Portuguesa. Sendo que, com base em nossa análise, percebemos que os alunos tinham pouco conhecimento prévio sobre os povos indígenas, alguns denotaram ter visões estereotipadas, o que é compreensível, frente ao processo histórico de uma educação que não olhava para suas raízes indígenas, contudo, após a atividade se percebeu uma mudança na percepção desses alunos, que mencionaram os ensinamentos que as literaturas indígenas lhes propiciaram.

Palavras-chave:

Letramento literário. Literatura indígena. Relações etnicorraciais.

ABSTRACT

It is indisputable that literature, being the art of the word, in which one can perceive the cultural and historical transformations of societies, is an important ally in order to reflect on the identity and memory of a people. In this context, indigenous literature is a possibility for the (re) knowledge of the richness of indigenous stories and literature. In particular, for being an art of (re) existence, for hearing the cry of peoples who for many centuries were silenced and made invisible, when developing their narratives and constructing their stories. Thus, he proposed an activity for the study of indigenous themes in literary texts and later the students' responses to the proposed questions were analyzed. For this, a field and documentary research was carried out, as the data of this study comprises the evaluative activities carried out in the discipline of Portuguese Language. Since, based on our analysis, we realized that students had little prior knowledge about indigenous peoples, some denoted having stereotyped views, which is understandable, given the historical process of an education

that did not look at its indigenous roots, however, after the activity, there was a change in the perception of these students, who mentioned the teachings that the indigenous literature gave them.

Keywords:

Literary literacy. Indigenous literature. Ethnic-racial relations.

1. Introdução

A relevância do trabalho com letramento literário é indiscutível, pois a literatura como menciona Antônio Candido (1995, p. 243) a literatura como expressividade humana possibilita ao homem “(...) negar, propor e denunciar, apoiar e combater (...)”, servindo nos para de forma dialética pensarmos a nossa própria humanidade e suas diversidades. Em especial, aquela que nos diverge nas nossas práticas culturais e origem, a diversidade étnica.

Isso porque, como defende Rildo Cosson (2014, p. 17) a prática de letramento literário pode possibilitar um encontro com nós mesmos e com o outro, pois, “(...) nos permite saber da vida pela experiência do outro, como também vivenciar dessa experiência”.

Assim, acreditamos que a literatura é um caminho com muita potencialidade para se trabalhar as questões etnicorraciais. E para este trabalho delimitamos o nosso foco de estudo para a literatura dos povos originários, com isso, cumprindo o que determina a legislação educacional brasileira no que se refere sobre a obrigatoriedade da inserção da temática de histórias e culturas indígenas em sala de aula.

A exigência no cumprimento dessa legislação é necessária, pois segundo Candau e Moreira (2008, p.13) “não haja educação que não seja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido não é possível conceber uma experiência pedagógica ‘desculturalizada’, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade”.

A escola é, portanto, o ambiente propício para a manifestação cultural, social e emocional dos mais diferentes grupos étnicos; afinal, nos ambientes escolares temos crianças/jovens com características heterogêneas e respeitar tais diferenças é um exercício diário.

Nesse contexto, este trabalho apresenta um relato de experiência com atividades de letramento literário com o intuito de promover também o letramento para a diversidade étnica. Tendo como objetivos apresentar uma experiência realizada com alunos do ensino fundamental com

textos que abordem a temática indígena e, posteriormente, analisar as respostas dos alunos às questões propostas.

Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa documental, pois a atividade em questão faz parte das atividades realizadas para o ensino, a aprendizagem e a avaliação de uma professora de Língua Portuguesa de uma escola da rede particular de Imperatriz, com abordagem qualitativa dos dados, seguindo os moldes das pesquisas descritivas e exploratórias (SANTOS, 2007).

Para esse estudo, nos vimos diante de uma inovação necessária, devido ao momento pandêmico em que vivemos, que foi realizar uma pesquisa de campo virtual, assim tanto a atividade da professora, como a nossa interação com os interlocutores se deram mediados por plataformas digitais: a atividade foi enviada e recebida pelo *Classroom* e a interação com os alunos feita pelo *WhatsApp*.

E para obedecer as delimitações para este trabalho, fizemos uma seleção nas respostas mais representativas das ideias mencionadas pelos alunos nas discussões propostas. Sendo que a fala dos interlocutores são identificadas pelas iniciais de seus nomes, para preservar suas identidades.

2. *Letrando para a diversidade: para respeitar e valorizar é preciso conhecer*

A construção de práticas pedagógicas em torno da temática indígena deverá, sobretudo, tratar do conhecimento da diversidade étnica que compõe a nossa nação, que tem como povos originários as diversas etnias que aqui viviam e vivem desde tempos imemoriais.

Neste sentido, a multiplicidade de subtemas que possibilitam o estudo sobre as culturas e histórias desses povos nas atividades educacionais podem variar desde a identidade e memória de nosso povo (a origem do Brasil) ao reconhecimento de uma sociedade intercultural. Integrando no espaço escolar tal práxis, pode se contribuir para a reflexão acerca da riqueza dos saberes indígenas, além de suscitar a reflexão sobre estereótipos tão arraigados no imaginário social há mais de 500 anos e que tanto incidiu em preconceitos negativos, motivando o racismo e a violência contra eles.

Assim, para a realização das atividades de letramento literário, adotou-se a “Sequência Básica” proposta por Rildo Cosson (2014), iniciando com a motivação, buscou-se o conhecimento prévio dos alunos sobre esses povos. E para isso solicitou-se que cada um discorresse sobre o que sabia a respeito dos povos indígenas, em síntese as respostas variaram, mas sempre se relacionavam com a origem do Brasil e a ligação com a natureza, como podemos ver nas falas a seguir:

“São os povos originais do Brasil e vivem em harmonia com a natureza” (J.F);

“São os povos que já existiam no Brasil desde antes da chegada dos portugueses” (G.R);

“São os povos antigos, com sua própria cultura, religião, forma de caça entre outros...” (D.M);

“Os povos indígenas são os povos que já habitavam o Brasil antes dos portugueses o colonizarem (descobrirem), são um povo riquíssimo em questões culturais, religiosas etc.” (P.T).

Pelas respostas, é perceptível que as crianças reconhecem os nativos como fundamentais para a formação da nossa nação, assim como o fato de serem os povos originários dessa terra. E falar, estudar, conhecer os povos indígenas é ouvir a memória do povo brasileiro. Ação imprescindível para que se torne prática cotidiana nas escolas. Pois, como afirma Monteiro (2014, p. 88) “a memória é uma peça fundamental para a construção do quebra cabeça dos sujeitos no espaço da consciência e essa peça chave deve passar efetivamente pela identidade cultural” (Re)afirmando a necessidade de conscientizar o mundo globalizado do papel indígena na construção da sociedade contemporânea e sua memória histórica.

Após esse momento de motivação, passou-se a introdução apresentando os textos que seriam trabalhados, e seus respectivos autores. O primeiro texto apresentado foi feito através de vídeo narrando lenda “A onça e o jabuti”. A história narra o feito do jabuti, que ao colher algumas jabuticabas foi surpreendido pela onça rei que cheia de fome planejava “almoçá-la”. Logo, usando de astúcia, o jabuti que planeja fugir de tal armadilha, pede para que a onça o amarre em uma árvore, justificando que chegará em breve um vendável que poderá carregá-lo.

A onça, obviamente, questiona o jabuti e após as suas convincentes respostas, pede então para que ele o amarre, pois, sendo o “rei da

floresta” deveria se salvar no lugar do jabuti. Este, que tem o seu plano arquitetado, mostra-se surpreso com o pedido da onça, argumentando ser dela a ideia de prender-se à árvore, no entanto amarra a onça e sai com a sua cesta de jabuticaba, alegando voltar quando o vendaval passar. A narrativa termina trazendo a explicação para as pintas da onça, que são resultados da raiva, ocasionada por ser enganada por um simples jabuti.

Imagem 1: Abertura do vídeo “A onça e o jabuti”.



Fonte: *Instagram* de Manuela Souza (2020).

A primeira pergunta sobre a lenda narrada foi para que as crianças algumas identificassem dois elementos narrativos: personagem e o espaço (onde se passa a história), em resposta de praticamente a totalidade variando somente na inversão de personagens ou a inclusão do narrador, indicaram: “O jabuti e a onça-rei; na floresta” (G.V)” e “A onça e o jabuti; no pé de jabuticaba que ficava na floresta” (A.V).

Sendo que na primeira questão, a intenção era trabalhar os elementos da narração. E o que se pôde perceber é que os alunos tinham propriedade sobre esse tema, pois não houve nenhuma resposta equivocada quanto à identificação dos elementos narrativos solicitados, portanto.

Após os aspectos literários, ainda sobre esse texto, questionou-se sobre o aprendizado que pôde ser retirado da história, pois uma das características das narrativas de lendas indígenas é essa presença de uma explicação para algo, ou um ensinamento necessário para a convivência com o ecossistema. O que em lendas não indígenas denominamos como a moral da história. Dentre as respostas, temos:

“Que a gente precisa pensar com cautela, por exemplo, a onça não pensou e acabou caindo na armadilha...” (A.V)

“A moral é que a onça se importou mais com ela do que com os demais e no final, ela ficou prejudicada” (S.F)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

“Inteligência supera a força” (J.M)

“Que o raciocínio rápido faz da pessoa grande, apesar do seu tamanho físico” (A.L)

“Nunca tenha ganância ou ela pode se virar contra você” (L.R)

“Nada supera a inteligência” (C.B)

Percebe-se nas falas dos alunos que há uma constância na interpretação da história dando ênfase para questões ligadas às questões de como o indivíduo lida com os desafios do dia a dia, atentando para a questão da cautela e do uso da inteligência para resolver os problemas.

Outro texto utilizado foi a canção “Paxuá e Paramim” e seu respectivo videoclipe, produzido pelo músico Carlinhos Brown. Essa música faz parte de um projeto desenvolvido pela empresa Candyall Entertainment, em parceria com as distribuidoras de energia Coelba, Cosern, Celpe e Elektro, que irão utilizar as histórias (em formato de música, vídeos, game) protagonizadas por Paxuá e Paramim, personagens criados por Carlinhos, para ações educativas para crianças para uma um mundo sustentável.

Toda a produção tem acesso livre e pode ser encontra no Website oficial: <http://www.paxuaeparamim.com.br/>, no qual além das músicas e videoclipes, encontra-se o game “Paxuá e Paramim contra o monstro elétrico” disponível gratuitamente para Android e IOS.

Imagem 2: Imagem do videoclipe “Paxuá e Paramim”, canção interpretada por Carlinhos Brown.



CANTANDO NO CHUVEIRO - Paxuá e Paramim

Fonte: Youtube (2020).

Para entendimento neste artigo da relevância desse projeto e sua ligação com os povos indígenas, é preciso ressaltar a relevância de Brown enquanto artista, cantor, compositor, agitador cultural e como ativista, dedicado à criação de projetos e empreendimentos na área cultural, como “Paxuá e Paramim” que foi idealizado por ele com o objetivo

de sensibilizar crianças e adultos, estimulando a mudança de hábitos para o consumo consciente de energia, a preservação do meio ambiente e a promoção do exercício da cidadania.

Por isso, o vídeo e a canção serviram a dois propósitos: conhecer mais da cultura indígena e sua relação com a natureza e se pensar em consumo sustentável dos recursos hídricos e elétricos. Dessa forma, após analisarem o vídeo legendado (para entendimento completo da letra), as crianças foram instigadas a apontar três aspectos da cultura indígena, que eles identificaram na narrativa sonora de Paxuá e Paramim:

“Ficar nú, pintar o corpo e proteger a natureza” (M.B)

“Tem uma forte ligação com a natureza. Xamã é o deus supremo para eles. Os índios mais velhos (adultos) utilizam para a caça instrumentos como o arco, a flecha e o tacape.” (L.M)

“Eles tem o costume de não usar roupas, usar pintura no corpo, também são muito conectados com a natureza.” (S.P)

“Cuidar da floresta e dos animais que vivem lá e quando crescer aprender a caçar com arcos e flechas.” (P.V)

“Paixão pela natureza, felicidade e fraternidade.” (M.A)

“Pinturas, chapéus e moradia” (H.B)

Entre as mais variadas respostas, o conceito que o indígena é identificado por sua pintura corporal, arco e flecha se sobressaem, apesar das mudanças ocorridas desde a “catequização indígena” e a mudança brusca em sua identidade, as crianças conseguiram destacá-las justamente por tais aspectos. Houve também sua sensibilidade em descrever o indígena por seus sentimentos como a “felicidade”, “fraternidade” e “forte ligação com a natureza”, este último que inclusive é o tema principal do clipe.

Além do entendimento de alguns em identificar suas crenças mencionando o seu conselheiro Xamã e da prática em utilizar alguns instrumentos somente depois que alcançam a vida adulta. Logo, foi possível perceber que a introdução do estudo da literatura que aborda temática indígena para as crianças, seja inicialmente através de vídeos e lendas, evoluindo a textos e livros “constitui a primeira etapa de promoção da diversidade de seus conhecimentos” (THIÉL, 2012, p. 98). Propiciando conhecimentos e motivando discussões que podem auxiliar na desconstrução de estereótipos, como a de que todos os indígenas são iguais ou que todos eles andam nus.

Ainda relacionada ao vídeo dos indiozinhos “Paxuá e Paramim” foi solicitado que as crianças pesquisassem e citassem o nome de mais quatro povos indígenas que vivem no estado do Maranhão, na intenção

de leva-los a ampliar seus conhecimentos sobre esses povos e perceber como estão rodeados de etnias nativas. Até porque o Maranhão é um dos estados com maior número de povos indígenas e as escolas maranhenses, em sua maioria, ainda abordam a temática dos povos originários de forma caricata, no tão famigerado “Dia do Índio”, que tem servido há anos para reforçar o racismo contra essas gentes.

Nesse sentido, Thiél (2013) assevera:

[...] Todos têm o direito de descobrir, ler e debater os textos produzidos pelos diversos povos indígenas, como forma não só de conhecer visões estéticas e temáticas, mas também de valorizar o outro, o diferente, que deve ter sua história, sua presença e visões de mundo reconhecidas. (THIÉL, 2013, p. 1176)

Além de obras literárias, utilizamos a imagem de uma obra da artista plástica indígena Kátia Hushahu, pajé de seu povo, a qual retrata em suas obras sob um olhar feminino, as memórias culturais de sua gente.

Imagem 4: Ilustração da indígena Kátia Hushahu.



Fonte: Kátia Hushahu – Exposição virtual Mira!

Sobre essa obra, solicitou-se que os alunos criassem um slogan, para expressar uma mensagem em defesa pelos povos das florestas, apresentados a seguir.

“Proteger a natureza, nós precisamos dela pra viver. Proteja a natureza como os povos das florestas fazem!” (C.B);

“Os indígenas são nossos ancestrais, devemos preservar sua riquíssima cultura.” (M.B);

“Uma árvore é uma floresta e uma floresta é uma vida!” (H.B);

“Defenda a natureza! Defenda o povo” (L.M);

“Não destrua, construa!” (A.B).

Assim com frases marcantes, mais uma vez, a relação do indígena com a natureza foi salientada pelas crianças. E encerrando as perguntas do questionário proposto a eles foi perguntado: “Em sua opinião, o que

os textos trabalhados ensinaram sobre valores humanos e a relação com a natureza?” Fazendo com que eles sintetizassem e refletissem sobre a temáticas trabalhadas nos textos.

“Que temos que preservar pois sobrevivemos dela e se um dia ela acabar a humanidade também, a natureza tem vida e sentimentos, ela também sofre e temos que entender que não é só um monte de folha” (M.A);

“Pois nós o seres humanos temos que valorizar os nossos recursos de vida que de certa forma vem da natureza a roupa que vestimos, a comida que comemos, a casa que moramos, ou seja, tudo isso é feito com recursos da natureza e ultimamente a natureza não estar tendo o valor que ela merece com desmatamento e tudo mais...” (S.P);

“Que necessitamos dela para sobreviver, e que é importante (em relação a natureza). Devemos preservar a cultura indígena, pois são uma cultura muito importante, uma base para nós (em relação a valores humanos e indígenas)” (L.R);

“Nos mostraram a importância da preservação da cultura, da paz, da natureza, e o mais importante o respeito aos povos indígenas.” (P.T);

“Mostraram que temos que ter respeito a natureza e aos indígenas, que mesmo morando em cidades eles preservam a identidade cultural.” (L.M)

A partir das conclusões apresentadas pelos alunos na questão final, é possível concluir que a metodologia aplicada foi eficaz para a introdução da Literatura Indígena. Para muitos que a desconheciam puderam ter o primeiro contato e aqueles que já tinham “ouvido falar” foi possibilitado um certo aprimoramento em seus conceitos.

Em conversa oral, nas aulas virtuais, os alunos comentaram principalmente sobre o vídeo de Carlinhos Brown, e a imagem de Kátia, reforçando assim que a priori, o caminho ilustrativo pode ser fundamental para prepará-los a receber textos e posteriormente obras literárias indígenas mais vultuosas.

O que não é mais aceitável é que não haja a inserção de uma literatura tão valiosa e incentivadora aos conhecimentos identitários do nosso povo. E como não há como negar tal necessidade, o ambiente escolar deve inserir rotineiramente tais práticas, atribuindo o devido valor à obra indígena, desconstruindo os conceitos pejorativos fomentados pela ignorância e intolerância.

3. Considerações finais

Conclui-se, portanto, a partir da atividade proposta, que a lei 11.645/2008 que determina a inserção das produções literárias indígenas, pode ser inserida no âmbito escolar, o que pode ser realizado, inicialmente através de materiais disponíveis em plataformas digitais, o que minimiza as justificativas da falta de material para se trabalhar.

Percebeu-se também que o discurso inicial das crianças sobre preconceitos e estereótipos, puderam, em grande medida, ser modificados em razão da atividade aplicada, na qual se trabalhou vídeos, contos e lendas que abordavam a temática indígena, de autoria indígena e não indígena como o trabalho de Carlinhos Brown.

Nesse sentido, acreditamos que a “cegueira” que impede o reconhecimento do indígena como formador da nossa identidade e, portanto, das nossas memórias, pode ser gradativamente mudada se as escolas e educadores entenderem e apontarem a sua relevância neste processo.

Assim, é imprescindível que o educador assuma o papel de propiciar que os seus alunos conheçam, identifiquem, informem-se, estudem e atribuam o devido valor as obras literárias que (re)contam os saberes indígenas, inserindo-os nos conteúdos curriculares de modo a contribuir para o letramento para a diversidade étnica e a harmonia nas relações etnicorraciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDAUI, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.

MONTEIRO, Melissa Carvalho Gomes. *Amu Itá Tetama: Literatura Infantil de Autoria Indígena como Projeto Político de (Re)Construção da Imagem Histórica e da Autoimagem dos Povos Indígenas do Brasil*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, 2014. p. 80-122

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

THIÉL, Janice Cristine. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Curitiba-PR – Brasil. *Educação e Realidade*, v. 38, n. 4, p. 1175-89, Porto Alegre, out/dez. 2013.

_____. *Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque*. Belo Horizonte: Autêntica. 2012. (Coleção Práticas docentes 3)

Vídeos utilizados

Paxuá e Paramim. Disponível em: <https://youtu.be/tx3V4gT6laE>.

Iauareté e o jabuti. Narrativa do acervo pessoal de Manuela Souza e cedida para as atividades com os alunos.